

**UM ESTUDO DA VERSÃO LATINA DO RELATO DE VIAGEM
DE ULRICO SCHMIDL À LUZ DA FILOGIA TEXTUAL**

Thissiane Fioreto (UNESP)

thifioreto@yahoo.com.br

Cristina Mascarenhas da Silva (UNESP)

cris_mascarenhas07@hotmail.com

1. Introdução

A cada cópia que se faz de um texto, muda-se a sua constituição, seja por um ato involuntário, seja por um ato voluntário de quem o copia. Desta forma, a proposta de trabalho em questão, a partir da constatação de que os textos sofrem modificações ao longo de seu processo de transmissão, é a investigação do relato de viagem, em sua versão latina, escrito pelo alemão Ulrico Schmidl, com a intenção de resgate e preservação do documento.

O relato de viagem, que foi editado várias vezes e em várias línguas, trata dos percalços pelos quais passaram os europeus até chegarem à região do Prata, do contato com os indígenas e da fundação dos primeiros povoados espanhóis na região sul do Novo Continente que, anos mais tarde, integrariam países como Argentina, Paraguai e Brasil. O autor apontou a busca por metais preciosos como sendo o principal objetivo dos europeus, além da expansão da fé cristã e do fortalecimento de posições estratégicas como forma de tentar evitar a presença de navios estrangeiros na região.

O relato se difundiu rapidamente pela região alemã e foi reeditado várias vezes até as primeiras décadas do século XVII. Grande parte das publicações foi ilustrada pelas casas impressoras de Theodoro de Bry e Levinus Hulsius, editores protestantes que incluíram a crônica em suas coleções de narrativas de viajantes.

Sabendo então da complexa história de transmissão desse documento, e por concordar com Teixeira (2006, p. 113-114) que o trabalho fundamental da filologia (textual) é recolher, colecionar, comparar, restaurar e restituir, dentro do possível, a autenticidade dos textos, contribuindo, por consequência, para a preservação do patrimônio cultural produzido pela humanidade, este artigo objetiva investigar, sob uma perspectiva filológica, a edição em latim do relato de Schmidl.

2. A busca pelo resgate e pela compreensão do documento

Antes de investigar o relato do soldado bávaro é preciso esclarecer o que é e de que trata o trabalho filológico.

É preciso compreender que reconstituir um texto, buscar sua autenticidade, determinar a data ou, pelo menos, a época em que um documento foi escrito, esclarecer quais são suas fontes, buscar e compreender as circunstâncias de sua produção, estudar-lhe as particularidades linguísticas e literárias, estabelecer critérios para a edição e publicação de um texto, editar são atribuições do labor filológico - ofício antigo, do qual já se ocuparam gregos e romanos e do qual estudiosos continuam a se ocupar em busca de resgatar e de compreender textos escritos dentro de seu contexto histórico, social e literário.

No entanto, há quem concorde com Silva Neto ao afirmar que a Filologia não goza de bom conceito na contemporaneidade por, muitas vezes, ser erroneamente confundida com o simples conhecimento prático da língua e, o que é pior, por ser caracterizada como aquela que, com visão míope, fiscaliza os exageros e as supostas incorreções ocorridas nos textos, conferindo ao filólogo o título comum e ao mesmo tempo pejorativo de “purista”, figura tão propícia ao ridículo (SILVA NETO, 1976, p. 13).

É correto afirmar, porém, que com a preocupação da fidelidade ao documento que cada texto significa, os estudos filológicos se ocupam da busca pelo resgate e pela compreensão, por meio de textos, da produção intelectual escrita de uma determinada sociedade.

Sendo assim, a filologia pode ser compreendida como a ciência humanística que tem por finalidade o estudo da língua, em toda a sua amplitude, e dos documentos escritos, com a finalidade de averiguar o sentido de um texto e, ao mesmo tempo, interpretá-lo na medida do possível, dentro do contexto histórico em que foi redigido, restaurando o original sempre que possível (ARAÚJO, 1999, p. 55); assim, importa ressaltar que o seu objeto de estudos é o texto escrito, seja ele manuscrito ou impresso.

Para que isso seja possível, de acordo com os princípios atuais, o trabalho filológico compreende três etapas: a crítica textual, a crítica histórico-literária (ou a chamada filologia do texto) e a edição.

A crítica textual, considerada também disciplina integrante da ecdótica, pode ser compreendida, segundo Azevedo Filho (1987, p. 16),

como “operação absolutamente necessária ao perfeito entendimento de um texto, ou à sua completa interpretação filológica, segundo critérios que melhor possam aproximá-lo da última vontade consciente do autor”, ou seja, essa etapa do trabalho filológico é a responsável pela reconstituição do texto, apresentando, tanto quanto possível, a sua forma genuína.

Os procedimentos prescritos pela chamada crítica textual moderna, cuja base está nos estudos do alemão Karl Lachmann e do francês Joseph Bédier, pressupõem etapas essenciais, que podem ser mais ou menos elaboradas, resultando até em subetapas, de acordo com a necessidade requerida pelo texto em análise. Tradicionalmente as etapas fundamentais se denominam: *recensio*, *collatio*, *eliminatio*/ *stemma* e *emendatio*.

Portanto, reconstruir o texto é fundamental para a filologia uma vez que ele é considerado o testemunho de um povo, de uma época, de um autor, e serve de fonte segura para vários estudos, não apenas os linguísticos. Por isso, Bassetto (2005, p. 51) explica que

Terminado o trabalho da crítica textual com a reconstituição do texto, passa-se ao estudo dos vários aspectos da chamada crítica histórico-literária, que procura esclarecer possíveis pontos obscuros, eliminar lacunas no conhecimento de dados a respeito do texto. Aqui são usados critérios internos fornecidos pelos próprios documentos, como também os critérios externos, sobretudo citações, alusões, referências etc.

O pesquisador deve, portanto, examinar minuciosamente o material e buscar dados a partir do próprio documento. São essas informações que darão subsídio a uma maior e melhor compreensão do texto. É nessa etapa, por exemplo, que o filólogo examina a datação, determinando, pelo menos, a época em que ele foi escrito; busca as circunstâncias de produção do texto, situando-o em seu contexto histórico, cultural, social e político; realiza o estudo das fontes, investigando as citações diretas e indiretas, as alusões e possíveis plágios, o que permite a descoberta das influências de outros autores sobre o documento. O estudo da linguagem merece também atenção especial, pois é pela linguagem que o autor dá a conhecer sua filosofia, suas preferências lexicais e sintáticas, sua cultura, sua filiação literária. O filólogo fará, ainda, uma avaliação crítica da obra sob dois aspectos: seu valor documental e seu valor literário, afinal, nem sempre uma obra congrega valores estéticos e documentais.

Por fim, a edição é a etapa de trabalho em que o filólogo escolherá o tipo de edição mais conveniente para divulgar o material a ele confiado. Várias são as edições possíveis, como, por exemplo, a paleográfica,

a mecânica, a crítica, sendo esta última a mais usada por melhor apresentar/representar o esforço do trabalho filológico. Nela consta o texto reconstituído, com um aparato crítico, que pode ser organizado da forma mais conveniente aos objetivos propostos pelo pesquisador para esclarecer os problemas e as soluções encontradas no trabalho de Crítica Textual e as informações úteis à compreensão do texto, colhidas no estudo histórico-literário.

A partir desse panorama a respeito das atribuições do labor filológico, pode-se compreender melhor o intuito deste artigo que, pautado na segunda etapa filológica proposta por Bassetto (2005), apresenta uma contextualização do relato escrito em latim. Justifique-se, no entanto, que muito já se pesquisou sobre o documento, principalmente sobre a versão em espanhol, mas, talvez pela dificuldade de acesso ao latim, a versão escrita na língua dos romanos pouco tenha sido explorada.

3. Até poderia ser ficção...

Um soldado bávaro passa 17 anos em uma expedição na América do Sul e, ao regressar à Europa, relata suas impressões sobre essa terra e conta sobre os principais acontecimentos por ele vividos nesse período. Essa poderia ser uma boa temática para uma história de ficção, mas é de fato o que aconteceu com Schmidl.

Ulrich Schmidl¹⁰¹ foi um soldado bávaro alemão, natural de Straubing, que integrou a frota comandada pelo adelantado¹⁰² Pedro de Mendoza, e que permaneceu no sul da América por 17 anos (1536-1553). Os períodos anteriores e posteriores a sua passagem pela América são muito pouco documentados e os escassos indícios são conflitantes.

Alguns historiadores defendem que UTZ, como é chamado por muitos autores, partiu para o Novo Mundo como agente dos banqueiros alemães e que sua obra foi escrita com o intuito de informá-los sobre a situação da região, embora isso nunca tenha sido confirmado. Sabe-se, no entanto, que o alemão se alistou voluntariamente como soldado, partindo

¹⁰¹ O nome do cronista causa conflitos, por vezes sendo usado como Schmidel, Schmidt, Schnirdel e até Fabro, este último usado no texto em latim.

¹⁰² Segundo Kalil, existem opiniões divergentes relativas ao que seria um *adelantamiento*, no entanto, o historiador Medardo Chávez afirmou se tratar de uma expedição que visava fundar "pueblos y comarcas, fuera de la búsqueda del oro y la plata" (KALIL, 2008, p. 28)

de Cádiz com o intuito de integrar uma das embarcações que compunham a frota de Pedro de Mendoza.

Durante os anos em que ficou na América chegou a exercer o cargo de sargento-arcabuzeiro e alguns postos de confiança, entretanto, na maior parte do tempo, foi soldado “lansquenete”. Ao retornar à Europa renunciou ao catolicismo e adotou os princípios da Reforma e, por isso, foi forçado a abandonar sua cidade natal e se estabelecer no centro protestante de Regensburg.

O relato se inicia com a partida da expedição, que passou por regiões pertencentes à Coroa Portuguesa, e chegou à foz do rio da Prata em fevereiro de 1536. No decorrer da obra, o autor descreveu os principais momentos do início da presença europeia na região sul da América, muitos dos quais esteve presente¹⁰³.

Schmidl narra desde episódios considerados míticos, como a busca pelo reino das Amazonas e o Príncipe Dourado/Eldorado, até episódios históricos e políticos, como a chegada do adelantado Pedro de Mendoza à região, seus feitos e principais conflitos do período em que a região esteve sob seu comando; conta sobre a expedição comandada por Gonzalo de Mendoza a terras brasileiras em busca por alimentos e sobre a expedição comandada por Juan Ayolas para o interior do continente a procura da Sierra de La Plata, e descreve ainda os conflitos e a disputa entre Domingo Martinez de Irala e o adelantado Alvar Núñez Cabeza de Vaca pelo comando da região. Conta também sobre a fundação da cidade de Assunção e Buenos Aires, bem como os percalços pelos quais passou esta última no conflito entre Irala e Cabeza de Vaca.

Segundo Kalil (2008, p.152 – 153), em meados do século XIX, os países da América do Sul, sobretudo a Argentina, passaram a buscar elementos que auxiliassem na construção da legitimidade nacional, e, por isso, relatos coloniais, como a *Viaje al Río de la Plata* e outros documentos do período, ganharam relevo e notoriedade histórica, embora muito ainda se discuta sobre sua confiabilidade. No caso da crônica de Schmidl, em especial, as desconfianças aumentam sobremaneira devido ao grande número de edições do documento, inclusive em vários períodos e idiomas distintos.

¹⁰³ Há de se ressaltar que os critérios que conferiam veracidade a um texto, no século XVI, são diversos dos adotados hoje. Sendo assim, os autores desse período não trabalhavam com uma noção de verdade factual.

O relato do soldado bávaro serve ainda como fonte para o estudo da relação estabelecida entre os europeus e os indígenas, mostrando o choque cultural existente, a imagem construída do indígena pelo colonizador e a tentativa de catequização do Novo Mundo.

4. As muitas edições de uma mesma crônica

Atualmente existem três manuscritos da crônica nas cidades alemãs de Hamburgo, Stuttgart e Munique. Grande parte dos autores que se dedicaram ao estudo da crônica considerou o manuscrito de Stuttgart como sendo o único escrito pelo próprio autor.

O editor argentino Edmundo Wernicke, em sua tradução para o espanhol, apresentou diversos argumentos que, segundo ele, comprovariam definitivamente a autenticidade deste manuscrito, como, por exemplo, a comparação de sua caligrafia com a presente em um requerimento assinado por Schmidl enquanto esteve na América, dentre outros (KALLIL, 2008, p. 59)

Todavia, é necessário destacar que há alterações significativas entre os textos dos diferentes manuscritos, como, por exemplo, a exclusão de trechos considerados repetidos ou truncados, a divisão da obra em capítulos, a introdução de expressões religiosas e de citações de autores clássicos, entre outras. Tais diferenças permitem perceber com maior clareza o processo de escrita da obra e também permitem observar como ela foi lida por alguns copistas que tentavam corrigir e alterar o texto de Schmidl para adaptá-lo ao que consideravam ser o esperado pelo público leitor de relatos de viajantes, gênero bastante comum naquele momento.

Acredita-se que sua primeira edição foi lançada por Martín Lechler, sem preâmbulo e epílogo, em 1567, em Frankfurt, como parte da coleção de viagens organizada por Sigmund Feyerabend e Simon Hüters. Já a edição em latim da *Viaje al Río de la Plata* foi publicada pela primeira vez em 1599, pela casa impressora da família De Bry, comandada, naquele momento, por Johan Theodor e Johan Israel, filhos de seu fundador, que havia morrido no ano anterior. A crônica integrou a 7ª parte das *Grands Voyages*, coleção de relatos de viagem publicada em alemão, em 1597, e em latim, 2 anos depois, sendo reeditada no início do século XVII.

As *Grands Voyages* formavam um material heterogêneo que o editor buscou adaptar a um público formado majoritariamente por protestantes. Essa adaptação não contou apenas com a inclusão de ilustra-

ções¹⁰⁴, mas, também, com outros meios, como a inclusão de prefácios e a omissão de trechos. Historiadores como Janice Theodoro defendem que os grandes temas da *Grands Voyages* eram a denúncia e o combate à intolerância, e que o editor buscava em seus volumes uma interlocução com alguns setores do catolicismo.

Ainda em 1599, Levinus Hulsius, amigo da família De Bry, dedicou o 4º volume da sua coleção de crônicas ao relato de Schmidl, editada na cidade de Nuremberg, republicada em 1602 e, posteriormente, em 1612. A essa edição foram adicionadas 18 imagens, incluindo um mapa da região sul da América, que possuem, em sua maioria, o nome dos locais e grupos indígenas retratados, além do número do capítulo em que cada ilustração se baseou. Acredita-se que essa tenha sido a versão que teve o maior número de edições e marcou a recepção do livro, devido talvez, em parte, às gravuras que a acompanhavam.

Observe-se que o próprio Hulsius escreveu uma advertência a seus leitores, informando que a obra de Schmidl teria sido corrigida a partir da comparação com outros relatos de viajantes, isso para que tivesse certeza de que seu conteúdo estava em conformidade com aquilo que diziam os historiadores espanhóis, italianos e franceses sobre as terras do Novo Mundo.

Até o início do século XVII, a crônica de Schmidl foi reeditada diversas vezes, tanto em latim quanto em alemão. Acredita-se na existência de 17 publicações entre 1567 e 1655, no entanto, o interesse inicial pela obra, concentrado especialmente na região alemã, não se manteve. No século XVIII foram realizadas traduções também para o holandês (1706) e para o espanhol (1731 e 1749) e, ao longo do século XIX, versões em francês (1837) e em inglês (1841), porém, não se têm conhecimento de nenhuma tradução integral para o português. O historiador Efraim Cardozo identificou 42 publicações da crônica de Schmidl até meados do século XX. (KALIL, 2008).

5. Algumas particularidades da edição em latim

Já na fase inicial em que se encontra a pesquisa é possível perceber que o texto latino da crônica possui algumas particularidades.

¹⁰⁴ Um estudo profícuo dessas ilustrações foi realizado pelo historiador Luis Guilherme Assis KALIL, em sua dissertação de mestrado (KALIL, 2008).

A primeira delas está na forma em que seus capítulos são organizados, ou seja, ao contrário da versão em espanhol que possui 55 capítulos¹⁰⁵, a versão em latim possui apenas 34 capítulos sem subtítulos. Embora o latim seja uma língua sintética, ainda é difícil compreender quais os critérios adotados para esse desmembramento. Em alguns casos, parágrafos do texto latino se tornam capítulos do texto em espanhol, como acontece, por exemplo, com o capítulo II do texto latino que tem seu primeiro parágrafo transformado no capítulo III, da versão em espanhol, e seu último capítulo transformado no capítulo VI. Aparentemente, neste caso, a mudança tem como motivação a sutil mudança de assunto, embora isso não se aplique a outros trechos da obra.

Outro aspecto a se observar é a adição de gravuras na edição latina, embora já se saiba que esse acréscimo se deva pontualmente a intervenção feita pelo editor Theodor De Bry. Mesmo assim é necessário destacar que a edição espanhola opta por não utilizar essas imagens.

Mais instigantes, no entanto, são as informações pontuais divergentes e os trechos suprimidos. Logo no início do capítulo XVIII da edição latina, quando o autor narra a demora para chegar à tribo dos índios *Achkeres*, a informação no texto latino é de que a demora foi de 10 dias, já no texto em espanhol se fala apenas em 09 dias, da mesma forma que há divergência quanto à distância, já que no texto latino se registra 36 milhas e no texto em espanhol, 38 milhas.

O mesmo tipo de divergência acontece no capítulo VII da edição latina, que corresponde ao capítulo XV da versão em espanhol, quando o autor narra sobre a chegada do capitão Alonso Cabrera a Buenos Aires, trazendo provisões e espanhóis. Na versão latina se registrou que a chegada aconteceu em 1539 e na versão em espanhol o mesmo episódio é registrado como ocorrido em 1538. Seria um mero erro do copista ou teria alguma motivação histórica, por exemplo, para a divergência na data?

Ainda no capítulo XVIII, ao final, há a supressão de um fragmento no texto latino. Em espanhol se registra a descrição minuciosa do peixe encontrado na tribo dos índios *Schkarus*, o que não aparece no texto latino, “*no hubiese escrito tanto acerca de este pez si yo no hubiese tenido una razón conocida: en Munich, en la casa de campo del duque Alberto, nuestro finado señor*”. (SCHIMIDL, 2007)

¹⁰⁵ Em algumas edições esses capítulos ganharam subtítulos.

É compreensível que aconteçam alterações na transmissão de um documento, sobretudo quando se trata de tradução de uma língua para outra, no entanto, ainda não é possível compreender se essas alterações foram voluntárias ou involuntárias. Quem seria o Duque Alberto? Importaria-lhe a descrição da fauna do novo mundo? Por quais motivos? Por que os editores da casa de Bry, que comprovadamente alteraram o texto, omitiram seu nome?

Ainda lendo a crônica, embora esse não seja o foco central da pesquisa, dois outros pontos chamam a atenção: a visão que o europeu tinha do indígena, sobretudo da mulher indígena, e a criação de neologismos na língua latina.

No capítulo XIX da edição latina, o alemão faz uma descrição da mulher encontrada no Novo Mundo

Feminae vero alio modo pictae sunt, nempe caeruleo quidem colore a pectore [vsq]; ad pudenda, sed tam artificiose, ut non facile apud nostros pictorem inuenire possis, qui artem istam imitari possit. Incedunt corpore plane nudo, & formae sunt suo quidem modo satis elegantis, ita ut nec in tenebris ab eis abhorreret.

A maneira como a mulher é descrita pelo alemão - *tam artificiose* - é quase artística. Note-se que no documento em latim há duas notas no canto da página em que está este trecho da crônica. A primeira se refere à descrição dos homens *virii picti* (homens pintados) e a segunda a das mulheres *feminae artificiose pictae* (mulheres pintadas artisticamente). A escolha das palavras é significativa: *virii*, do substantivo latino *vir*, *virii* - o homem, varão, denota masculinidade; já *feminae*, do substantivo latino *femina*, *-ae* - a fêmea, a mulher, denota feminilidade, ou seja, homem e mulher são vistos pelos olhos de Utz como os reprodutores da espécie e as mulheres são as que chamam a atenção, pois tem desenhos artísticos em seus corpos, ou seriam seus corpos vistos como artísticos pelo homem europeu? Os desenhos dos corpos dos homens não eram artísticos ou os olhos do homem europeu se fascinaram apenas com os desenhos dos corpos femininos?

O interesse pela descrição das mulheres nativas aparece em vários outros lugares da crônica. No início do capítulo XVIII, quando Schimdl está descrevendo o que encontrou Hernando Ribera na viagem a outras duas tribos indígenas, escreve que *mulieres circu pudenda velatae sunt* (as mulheres são pouco cobertas). A repetição enfatiza o quanto a nudez feminina incomodava, ou fascinava, o homem europeu.

É interessante notar que o homem (espécie humana) encontrado no Novo Mundo é descrito, em vários momentos, com características brutais e animais, pois era assim visto pelo europeu, mas quando se trata da descrição das mulheres, é possível notar em vários trechos da crônica um olhar europeu menos assustado (ou assustador) e mais interessado e sensual.

Entre os vários motivos que justificam a leitura e investigação da crônica, pode-se destacar o valor do documento enquanto retrato pintado em palavras, da visão do europeu sobre o Novo Mundo naquele momento, o que contribuiu para a compreensão da relação estabelecida entre colonizados em colonizadores.

Quanto aos neologismos, além dos nomes próprios e topônimos que são transpostos para o latim, como, por exemplo, *Albernunzo Cayesca de Bacha* (Alvar Núñez Cabeza de Vaca) e *Paraboe* (Rio Paraná), destaca-se a criação de nomes em latim para designar o novo encontrado em terras americanas, o que, na verdade, possivelmente foi uma tentativa de transpor a nomenclatura indígena para a língua dos romanos. É o caso das palavras *mandeoch*, *meiis*, *manduis* e *padades*, que podem ser traduzidas respectivamente por mandioca, milho, amendoim e batatas e outras como *mandepore*, *parpii* e *bacheku* que não foi possível traduzir.

Em estudos posteriores isso poderá resultar num glossário de termos utilizados pelos europeus na colonização da América. Esse tipo de trabalho seria profícuo levando em consideração as dificuldades em se ler textos dessa natureza e desta época justamente por essas criações.

6. Considerações finais

É fato que todo texto, ao ser copiado, é alterado, quer seja de forma voluntária, quer seja de forma involuntária. O relato de viagem em questão não é exceção e isso é provado com alguns dados coletados e relatados, embora ainda existam muitos outros para serem investigados.

O que ainda precisa ser discutido, e o será ao longo da pesquisa, não se trata somente do que foi alterado, mas de que natureza são essas alterações e quais as intenções ao fazê-las, se comprovado que elas são de caráter voluntário.

O levantamento e a discussão das circunstâncias de produção do documento, observando o momento histórico e literário em que essa pro-

dução ocorreu, poderão fornecer elementos para compreender não apenas as estratégias de escrita usadas, mas, sobretudo, serão de fundamental importância para ajudar a responder os questionamentos levantados e outros mais não expostos nessas páginas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Antônio Martins de. A querela entre linguistas e filólogos. *Revista Philologus*, ano 5, nº 13, janeiro/abril, 1999. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1987.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

KALIL, Luis Guilherme Assis. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidl*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2008.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis (Org.). Os textos literários e a crítica textual: a importância do labor filológico. In: _____. *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.